

Práticas Extensionistas no Pintando o *Setting*: Clínica do Autismo

Extensionists Practices in Pintando o Setting: Clínica do Autismo

Luísa Marcondes Santos Monteiro

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3666-6544>

E-mail: luisamarcondesmonteiro@gmail.com

Láis Caires Gonzaga

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0005-2152-2187>

E-mail: lais.gonzaga.02@gmail.com

Maria Gláucia Pires Calzavara

Professora associada da Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4774-1397>

E-mail: glauciaalzavara@gmail.com

Roberto Pires Calazans Matos

Professor associado da Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1455-2143>

E-mail: calazans@ufsj.edu.br

Resumo

Este artigo refere-se a um relato de experiência de graduandos e supervisores dentro do Programa de Extensão “*Pintando o Setting: Clínica do Autismo*”. A proposta de criação do programa partiu de uma pesquisa de levantamento do diagnóstico de autismo e de psicose infantil em uma região do estado

de Minas Gerais, realizada em 2014, e de estudos e pesquisas, amparados na teoria psicanalítica, sobre o autismo. Ao longo dos anos, o programa desenvolveu diversas frentes de trabalho como atendimento clínico a sujeitos autistas e seus familiares, conversações com escolas, oficinas de música e robótica, grupos de estudos,



divulgação nas redes sociais e eventos anuais. O programa agrega ações que envolvem o campo formativo dos extensionistas participantes, a partir do ensino, pesquisa, prática interdisciplinar e social por meio da oferta de tratamento gratuito e de qualidade aos sujeitos autistas e aos seus familiares da região.

Palavras-chave: Autismo; Psicanálise; Psicologia.

Abstract

This article refers to the experience report by undergraduate extensionists and supervisors within the Extension Program "*Pintando o Setting: Clínica do Autismo*". The proposal for creating the program originated from a survey research on the diagnosis of autism and childhood psychosis in a region of the state of

Minas Gerais, conducted in 2014, and from studies and research supported by psychoanalytic theory on autism. Over the years, the program has developed various lines of work such as clinical care for autistic individuals and their families, discussions with schools, music and robotics workshops, study groups, social media outreach, and annual events. The program incorporates actions that involve the formative field of participating extensionists, through teaching, research, interdisciplinary practice, and also the social sphere by providing free and quality treatment to autistic individuals and their families in the area.

Keywords: Autism; Psychoanalysis; Psychology.

Área de extensão: Saúde

Introdução

A Universidade Pública, amparada no tripé ensino, pesquisa e extensão, utiliza da extensão universitária para ocupar um espaço de ação, produção e transmissão de conhecimento produzido na instituição integrado à comunidade. Essa função visa articular alunos e a comunidade local, promovendo transformações sociais com base no conhecimento científico. Sendo assim, este relato de experiência apresenta o Programa de Extensão "*Pintando o Setting: Clínica do Autismo*", vinculado a uma Universidade no interior de Minas Gerais. Este Programa inaugurou o atendimento clínico a crianças autistas no interior da Universidade, permitindo a formação e a capacitação de alunos para os atendimentos à população.

O Programa de Extensão teve início em 2014 e proporcionou durante estes 10 anos a atuação de estudantes a partir do atendimento clínico aos sujeitos autistas; na intervenção junto aos pais destes; nas Oficinas de Música e Oficinas Criativas em grupos; e na



intervenção nas escolas. Tais ações permitem que, posteriormente, os futuros profissionais tenham perspectivas de atuar, de maneira mais qualificada, nos serviços destinados a esse público-alvo.

Implantar uma clínica psicanalítica para tratamento de crianças autistas e seus familiares em uma instituição de ensino superior foi possível a partir de estudos, pesquisas e atuação na área. Esta clínica, amparada na psicanálise e por se tratar de um trabalho que se ocupa da particularidade dos sujeitos, se constrói a partir de sua fundamentação clínica em um saber sobre o tratamento de sujeitos autistas e seus familiares, permitindo que a prática extensionista se desenvolva em uma constante invenção e reinvenção (Calzavara; Calazans, 2022).

O início da prática clínica com sujeitos autistas na universidade se deu a partir de uma pesquisa de levantamento realizada por dois professores doutores do Departamento de Psicologia, que buscaram mapear o diagnóstico do autismo em 15 cidades que compõem uma mesorregião, no interior de Minas Gerais. O interesse em realizar tal pesquisa surgiu em decorrência do aumento alarmante de diagnóstico de autismo nos últimos anos. Tendo este cenário em vista, a pesquisa teve como objetivo realizar um levantamento dos serviços de atendimento às crianças autistas nesta mesorregião, com profissionais que trabalhavam nos serviços de saúde pública de cada cidade, na tentativa de averiguar em quais instituições é realizado o atendimento ao referido público na cidade; bem como identificar os números de casos de diagnósticos de crianças autistas nas respectivas cidades. Os dados adquiridos durante a pesquisa de levantamento ratificaram a discussão já exposta sobre a escassez de instituições públicas para atendimento de crianças autistas (Calzavara; Calazans, 2022).

Dessa forma, o Programa *Pintando o Setting: Clínica do Autismo* surge como possibilidade de um fazer clínico e ético, frente a essa lacuna, propiciando uma integração entre universidade e comunidade. A formalização da clínica do autismo ocorreu em 2017, no interior do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), vinculada ao Departamento de Psicologia (DPSIC) da Universidade.



Fundamentação teórica

Foi o psiquiatra austríaco Leo Kanner quem isolou e conceituou o autismo no ano de 1943, como uma síndrome específica nomeada como “distúrbios autísticos do contato afetivo” (Kanner *et al.*, 1943). Para o autor, as características fundamentais para o diagnóstico eram o desejo de solidão e “a vontade de imutabilidade”. A partir desse autor, diversos pesquisadores de diferentes abordagens se debruçaram sobre a temática do autismo, suas questões diagnósticas e suas formas de tratamento (Bosa; Callias, 2000).

Em 2013, com a transformação do autismo em Transtorno do Espectro Autista na publicação da quinta edição do Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5), observou-se um aumento exponencial no número de diagnósticos de autismo e, por conseguinte, um aumento na procura por avaliação psicológica e por tratamentos. O diagnóstico neste manual passa de uma lógica categorial, presente nas versões anteriores, à uma lógica dimensional com critérios menos específicos. Percebe-se que no DSM-5 são apresentadas as patologias “a partir de dimensões, considerando a intensidade das afecções e, a partir desta intensidade, estabelece uma espécie de *continuum*, ou espectros, na ordenação dos transtornos mentais” (Abreu, 2017, p. 117). Pode-se considerar como um dos efeitos da nomeação de espectro, uma ampla variação de sinais e sintomas que permite caracterizar algum grau de comprometimento dos sujeitos, mas ao mesmo tempo, amplia as possibilidades de inclusão dos sujeitos à nomeação diagnóstica.

A leitura a respeito do autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento, marcada pela quinta edição do DSM, implica dizer que ele é entendido, por esta perspectiva, a partir de disfunções em algumas habilidades do desenvolvimento, como as da linguagem, da percepção, da atenção e da interação social e, logo, identificadas no processo de escolarização. Esta visão acompanha o modelo biomédico hegemônico da sociedade atual e apresenta uma percepção sobre o autismo que é importante, mas não é única. Desse modo, como pontuam Ferreira e Vorcaro (2017) o aumento progressivo de diagnósticos do que se denominou de espectro do autismo, tem exigido um posicionamento



de profissionais interessados nesta temática e a comunidade psicanalítica não se furta ao tomar sua posição.

Neste aspecto, diferentemente dessa noção de déficit em que o sujeito é restrito a prescrições normativas e a tratamentos pré-estabelecidos, para a psicanálise o sujeito autista corresponde a uma maneira singular de estar no social. Fundamentada em sua teoria e clínica, a psicanálise aposta na posição subjetiva do sujeito, destacando a experiência soberana da clínica do singular. Assim, para a psicanálise, o autismo não é uma deficiência, mas um modo particular do sujeito em se colocar diante das relações com o Outro, conceito psicanalítico que refere-se à dimensão simbólica da linguagem e da cultura que tem efeitos na constituição psíquica do sujeito, e com o mundo (Calazans; Martins, 2007). Dessa forma, as características que se apresentam como disfuncionais nos sujeitos autistas, como o retraimento social, as estereotípias, a dificuldade na linguagem, entre outros, na verdade são compreendidos, pela psicanálise, como estratégias de um trabalho constante de tornar suportável o seu laço social, uma vez que o Outro se faz excessivo para estes sujeitos em função das especificidades de seu processo de constituição psíquica. Sendo assim, podemos reiterar a importância destacada pela psicanálise de não se amparar na nomeação diagnóstica, mas sim no singular do sujeito, permitindo que este se revele para o Outro social em detrimento de uma invisibilidade diagnóstica.

O trabalho de tratamento do singular parte das defesas realizadas pelo sujeito autista frente ao Outro invasivo. Neste aspecto, a busca por uma certa estabilidade é um trabalho que o autista já realiza, mas que, no encontro com o analista, abre-se a possibilidade de construções acerca do que consistirá em sua borda protetora (Badaró; Calzavara, 2021). Esta borda apresentada por Maleval (2015) como um recurso do sujeito autista para se proteger do Outro invasivo é composta por três elementos, sendo eles: o objeto, o duplo e a ilha de competência. Estes objetos participam da construção desta borda mesmo antes da entrada no tratamento, delimitando para os psicanalistas que o sujeito autista já se coloca em trabalho antes de chegar à clínica. A construção da borda autística e sua ampliação no tratamento permitirá ao sujeito uma abertura para o Outro (Maleval, 2015),



visando tanto proteger e delimitar seu mundo, quanto preservar a imutabilidade importante aos autistas, possibilitando a mediação com a realidade social e o estabelecimento de laços afetivos. Assim, a borda autística serve como um apoio para o sujeito e o auxilia na regulação de suas angústias e de ampliação da sua inserção social.

As ações realizadas no Programa reconhecem os aspectos cruciais ao tratamento para estes sujeitos e contemplam os princípios fundamentais da extensão, isto é, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade a partir da intersecção entre campos de conhecimento como a Psicologia, a Música, a Engenharia e a Educação. Do mesmo modo, é relevante reiterar a qualidade do trabalho dos alunos extensionistas tanto para sua formação pessoal e profissional, quanto para as especificidades da comunidade atendida.

Método

A práxis da psicanálise, seja ela em intenção - em clínicas de atendimento - ou em extensão - aplicada às instituições - se ampara na transferência (Lacan, 2005a). Como proposto por Freud (1996), é por meio do estabelecimento transferencial que será possível pensar em uma direção de tratamento em que se inclua o sujeito e sua singularidade e, assim, permitir com que suas respostas sintomáticas possam tomar direções menos angustiantes. A transferência é a possibilidade de um laço terapêutico que oferece condições à direção de tratamento. Contudo, uma especificidade no caso do tratamento de sujeitos autistas corresponde ao cuidado em relação à transferência, uma vez que aquele(a) que o acompanha pode se tornar invasivo ao autista.

Considerando isso, o Programa utilizou como metodologia de trabalho para os atendimentos clínicos a sujeitos autistas e nas oficinas de música e criativas a “prática entre vários”, que corresponde a uma estratégia clínica psicanalítica aplicada em instituições, proposta por Jacques-Allain Miller (1994) e formulada por Antonio Di Ciaccia (2007). Surgida nos anos de 1990 em uma instituição de tratamento para crianças autistas e psicóticas, Antenne 110, na Bélgica, a prática entre vários corresponde a uma estratégia na qual há a inserção de mais de um terapeuta no *setting* analítico, com o objetivo de diluir



a transferência, pois demarca que não haveria um saber em uma única pessoa ou profissional, ou um saber especializado que desconsidera os saberes do sujeito autista. Dessa maneira, o que ocorre é uma pluralização da transferência, fator que ameniza os efeitos sintomáticos persecutórios dos sujeitos e, a percepção de um outro massivo e invasivo pelo sujeito autista.

O objetivo desta prática corresponde, portanto, a deslocar o profissional do lugar de detentor dos saberes sobre o autista em uma espécie desespecialização, possibilitando com que o próprio sujeito possa criar sua maneira de se incluir no laço social por meio de suas invenções (Abreu, 2008). Como consequência, o saber desloca-se para o próprio autista, na aposta de que possa surgir algo desse sujeito. Com essa prática, utilizada em nosso Programa *Pintando o Setting: Clínica do autismo*, é possível perceber diversos efeitos que auxiliam no avanço do tratamento das crianças. O saber deslocado para o campo do sujeito no tratamento do autismo é que nos coloca ativamente no campo da extensão universitária. Nada fazemos sem a produção desse saber.

A partir disso, o trabalho na clínica foi organizado em duas equipes para o atendimento aos sujeitos autistas e às famílias, permitindo um lugar de escuta não só das questões diagnósticas, mas, também, de suas questões subjetivas. Além do trabalho clínico, é realizado um trabalho com professores, supervisores e coordenadores das escolas Municipais, Estaduais e Institutos Federais acerca da temática do autismo. Para essa ação, a metodologia empregada é a das Conversações. A Conversação é um procedimento grupal psicanalítico criado por Jacques-Alain Miller em 1990 que a define como:

[...] uma situação de associação livre, se ela é exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um momento dado. Se confiamos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo menos é a ficção da conversação: produzir — não uma enunciação coletiva — senão uma associação coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão idéias, me ajudam e, finalmente, resulta — às livre vezes — algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas' (Miller, 2005, p. 15-16).



Desse modo, no contexto escolar, essa metodologia possibilita que se desconstrua saberes dados e emergja um saber específico de cada profissional que dê espaço à singularidade do sujeito a ser incluído na escola. As conversações com os profissionais da educação sobre os temas que lhe causam impasses, entre eles a temática do autismo, pretende trazer à tona as práticas singulares de cada profissional no encontro com o aluno e que muitas vezes se apaga no movimento grupal por meio de protocolos padronizados. O objetivo do emprego desta metodologia pelo Programa é, por meio da ética psicanalítica e da escuta do que está sendo dito, promover a circulação dos significantes, para que as crianças autistas possam emergir como sujeitos para sua escola.

Atividades desenvolvidas

Amparados pelos fundamentos teóricos psicanalíticos, o *Pintando o Setting: Clínica do Autismo* desenvolve diversas frentes de trabalho, conforme apresentaremos a seguir.

A primeira ação desenvolvida pelo Programa foi o atendimento individual aos sujeitos autistas e a partir dela foram observadas outras demandas passíveis de um trabalho ampliado, como em oficinas em grupos, nas escolas, na divulgação de conhecimento sobre o tema nas redes sociais e na própria clínica individual realizada com os familiares desses sujeitos. Dessa forma, todas as atividades foram idealizadas tendo como fio condutor o trabalho clínico psicanalítico.

Atendimento aos sujeitos autistas e seus familiares

O Programa seleciona, semestralmente, extensionistas do curso de Psicologia para a realização, em duplas, dos atendimentos clínicos aos sujeitos autistas. Também ocorrem supervisões semanais em grupo conduzidas pela professora e coordenadora do Programa. Nelas, são apresentados os casos clínicos em atendimento, de modo que as dificuldades e os impasses na condução do caso possam ser relatados pelos estagiários e discutido a



direção do tratamento. Considerando a especificidade dos atendimentos com crianças e adolescentes, o trabalho inicia-se com entrevista com os responsáveis a fim de localizar a demanda de atendimento e escutar sobre a realidade familiar. O trabalho clínico pode incluir também a escuta de outros profissionais que acompanham o sujeito, como professores, médicos e fonoaudiólogos, além de conversas periódicas com familiares. Entre 2022 e 2024, foram realizados mais de 2000 atendimentos a sujeitos autistas e mais de 150 encontros de supervisão, entre crianças, adolescentes e adultos. Por ano, são acompanhados, em média, 20 sujeitos, entre crianças de 0 a 12 anos, adolescentes entre 13 e 18 anos, e adultos, envolvendo 20 terapeutas entre extensionistas, bolsistas e psicólogos colaboradores.

Já o atendimento aos familiares se dá a partir da escuta, nas entrevistas com estes, em que se percebe que há um sofrimento da família em relação ao diagnóstico. O planejamento deste estágio se deu conforme a literatura sobre os pais de sujeitos autistas e os efeitos que o termo “autismo” pode ter sobre a família (Calzavara; Calazans, 2022). O acolhimento aos pais e familiares por meio de uma escuta atenta às suas questões singulares e angústias - relacionadas ou não ao diagnóstico - é de suma importância para que haja a elaboração dos impasses que possam ocorrer, proporcionando condições para uma abertura e avanço no processo de filiação. Antes de iniciar o atendimento propriamente dito, é realizada uma propedêutica no formato de grupo de estudos com os extensionistas, trabalhando teoria e técnica psicanalítica no atendimento a adultos e também sobre autismo. Concomitante aos atendimentos, ocorrem as supervisões semanais, conduzidas pelo professor coordenador do Programa de Extensão e responsável por este eixo de trabalho.

Tanto nos atendimentos aos sujeitos autistas quanto aos seus familiares, são preenchidos prontuários que estão disponíveis no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) os quais contêm as informações pessoais de cada paciente atendido, assim como informações sobre as datas e horários das sessões, acompanhadas de um breve resumo do trabalho feito em cada atendimento, para fins de registro. Mediante o andamento dos casos clínicos tanto dos sujeitos autistas quanto os de seus familiares, são realizados encontros com as



duas equipes de extensionistas, para que haja uma construção de caso clínico da família. Também é importante destacar como os saberes dos familiares são importantes condutores para o trabalho a ser desenvolvido, fazendo com que a direção do trabalho siga esse saber singular que possibilita um reposicionamento diante do diagnóstico e, assim, ter efeitos também sobre o sujeito autista atendido pela outra equipe. A participação nos atendimentos clínicos e nas supervisões semanais possibilita aos extensionistas uma gama de experiências que corroboram para a atuação e formação profissional.

Por ano, são atendidos, em média, 10 familiares, dentre os quais: pais, mães, avós ou irmãos, sendo acompanhados semanalmente. Entre 2022 e 2024, foram mais de 1200 atendimentos realizados, envolvendo uma equipe de 15 extensionistas.

Oficinas em grupo

A partir da prática clínica e dos constantes estudos teóricos sobre os autismos, desenvolveu-se um trabalho terapêutico em grupos através de oficinas, sendo elas: as “Oficinas de Música” e as “Oficinas Criativas”. Essa proposta partiu das considerações acerca das dificuldades das crianças autistas na socialização, sendo o espaço das oficinas propício para o encontro com os pares e com a alteridade. As atividades são organizadas em pequenos grupos, com a presença de um da dupla de terapeutas que atendem cada sujeito que participa da oficina.

Para a elaboração das oficinas, foram observados os interesses de cada sujeito atendido e os recursos que se faziam presentes no *setting*. Dentre eles, destacam-se a música e os objetos tecnológicos como mediadores e facilitadores no tratamento. O trabalho das oficinas orienta-se através do planejamento de uma atividade mediadora, que privilegia a dimensão do encontro com o outro, sendo o objetivo não somente o da aprendizagem da atividade em si, mas, principalmente, a interação com os pares e os seus efeitos clínicos decorrentes de cada encontro.

As Oficinas de Música tiveram início em 2019 em parceria com o Departamento de Música da UFSJ e, após sua suspensão no contexto de isolamento por conta da pandemia



de COVID-19, foram retomadas em 2022 e se mantêm até os dias atuais. A voz, em evidência neste contexto de oficina, e entendida por Lacan (2005b) como objeto da pulsão invocante, ressoa sob o corpo do sujeito de um modo único e constitutivo de seu registro subjetivo. Desse modo, o objetivo da oficina de música vai além da musicalização dos participantes, à medida em que também se trabalham os efeitos da incidência desse objeto pulsional na linguagem, no corpo e na formação de laços sociais. Nessas oficinas, as modulações da voz, a introdução rítmica e o uso de instrumentos musicais, são alguns dos recursos utilizados.

Já as Oficinas Criativas tiveram início em outubro de 2022 e foram desenvolvidas a partir da parceria com o Departamento de Engenharia Elétrica. A aposta em oficinas com o uso da tecnologia surge como uma nova possibilidade no tratamento com o sujeito autista dentro do Programa, sendo possível através de pesquisas de Iniciações Científicas desenvolvidas pelos extensionistas e colaboradores do Programa nos anos de 2019 e 2022. A partir desses estudos, buscou-se entender como o uso desses recursos poderia ser benéfico para a área clínica (Badaró; Calzavara, 2021). Atualmente, também é utilizada a tecnologia em contexto de oficinas em grupo, de modo a trabalhar, também, a interação com outras crianças e permitir diferentes enlances no social. Essa proposta inovadora parte das dificuldades que muitas crianças autistas atendidas no Programa *Pintando o Setting* encontram ao estarem em contextos sociais.

Destaca-se nas oficinas em grupo, de modo geral, a possibilidade terapêutica de trabalho em grupo com sujeitos autistas e, também, a oportunidade de contato com outras áreas do conhecimento de modo a auxiliar e fundamentar a prática descrita. A interdisciplinaridade é fundamental ao interseccionar os saberes de cada sujeito, dos profissionais e dos alunos da Psicologia, da Música e da Engenharia.

Grupo de mídias

Em 2020, devido ao distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 e à necessidade de disseminar informações confiáveis sobre o autismo, o *Pintando o Setting*



expandiu sua atuação para as redes sociais, criando um perfil no Instagram e um canal no YouTube. Essa iniciativa possibilitou uma maior interação com a comunidade, ampliando o alcance do Programa e promovendo conteúdos sobre o autismo a partir da psicanálise. Para garantir a continuidade desse trabalho, formou-se uma equipe responsável pela produção e divulgação dos conteúdos, composta por extensionistas, bolsistas, alunos de pós-graduação, profissionais parceiros e coordenadores do Programa, que se reúnem semanalmente para planejar as ações e organizar eventos científicos.

A atuação nesse grupo proporciona aos participantes o desenvolvimento do senso crítico e da responsabilidade na divulgação de informações, considerando o impacto das mídias sociais na atualidade. Além disso, a necessidade de atualização constante sobre o tema contribui para a formação acadêmica dos envolvidos, que se dedicam à curadoria e à edição de conteúdo para garantir a qualidade das publicações. As reuniões da equipe também envolvem discussões técnicas e logísticas sobre outras frentes do Programa, fortalecendo sua estrutura e promovendo debates qualificados sobre o autismo a partir da perspectiva psicanalítica.

Conversação nas escolas

Esta frente de trabalho vem sendo planejada há alguns anos, entretanto, precisou ser interrompida devido ao período pandêmico da COVID-19, sendo retomada em 2022, a partir de reuniões com a Superintendência Regional de Ensino de São João del-Rei e com a equipe do CEREI – Centro de Referência em Educação Inclusiva do município. O objetivo inicial era compreender as ações já desenvolvidas por cada um e identificar as demandas na rede municipal de ensino relacionadas à temática do autismo e formalizar uma parceria de trabalho. A partir disso, foi desenvolvida uma proposta em conjunto com uma escola estadual, envolvendo o método de conversação. Foram realizados dois projetos de conversação: com professores-apoio de uma escola estadual; e com professores e equipe pedagógica do ensino médio técnico de um Instituto de Ensino Federal (IEF). As demandas surgiram devido ao aumento do número de diagnósticos de autismo e outros transtornos do desenvolvimento, marcado por dúvidas no manejo da situação em sala de aula. Os



significantes que mais apareceram nos encontros foram diagnóstico e dificuldade de aprendizagem, movimentando entre os participantes experiências profissionais e pessoais acerca dos impactos de um processo diagnóstico, dos diversos manejos pedagógicos e sociais possíveis que objetivem a inclusão.

Diante dessas experiências, observa-se o modo como uma instituição circula dentro da temática da inclusão e do autismo, demonstrada desde o primeiro contato com nossa equipe. Os impasses relacionados à função da escola diante de um aluno com diagnóstico se fizeram presente nas instituições, demonstrando que os efeitos de um diagnóstico ressoam não somente no âmbito íntimo do sujeito, mas também nos diversos locais de circulação e de estabelecimento do laço com o Outro. Por fim, para a realização de um trabalho possível é necessário tratar estes grupos como um sujeito produtor de discurso, escutando seus significantes e buscando a extração de consequências das falas, a fim de implicar o coletivo no processo. Vemos aqui que a circulação de um saber entre os diversos atores na escola permite, não uma fixação da criança no termo autismo, mas em uma possibilidade de produção em que a criança passa a encontrar um lugar na escola como sujeito.

Conclusão

As diferentes atuações do Programa *Pintando o Setting: Clínica do Autismo* ao longo dos anos evidenciam o caráter formativo para os extensionistas, futuros profissionais qualificados, a partir da indissociabilidade do tripé universitário - ensino, pesquisa e extensão. Este tripé se manifesta no Programa por meio da formação teórica psicanalítica a partir dos frequentes estudos sobre o tema do autismo, tanto nas aulas, quanto nos grupos e nas leituras, que organizam o ensino; em seus questionamentos e desdobramentos através das investigações desenvolvidas em iniciações e pesquisas científicas, que aprofundam os estudos e fazem avançar a práxis; e também pelo alcance social à comunidade, a partir da oferta de serviços gratuitos e de qualidade aos sujeitos autistas e às suas famílias. Portanto, percebe-se como a participação em um Programa de



Extensão articula os diversos aspectos necessários a uma formação universitária. A prática extensionista é fundamental para que o conhecimento não ocorra apartado do contexto em que se insere e que se propõe um saber. É justamente na integração e na articulação teoria-prática que se aposta que algo da ordem do aprendizado possa ocorrer.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

As autoras Laís Caires Gonzaga e Luísa Marcondes Santos Monteiro foram bolsistas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade pelo Programa de Extensão “Pintando o *Setting*: Clínica do Autismo” entre os anos de 2021-2023 e de 2022-2023 (e 2024 como colaboradora), respectivamente. Fizeram parte do grupo de mídias, bem como realizaram atendimentos aos sujeitos autistas. Além disso, Laís Caires Gonzaga colaborou para o desenvolvimento das oficinas criativas e oficinas de música, enquanto Luísa Marcondes Santos Monteiro se dedicou aos atendimentos aos familiares de sujeitos autistas e às conversações nas escolas. Todas as atividades foram supervisionadas pelos autores Maria Gláucia Pires Calzavara e Roberto Pires Calazans Matos.

Referências

ABREU, D. N. A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 74-82, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10849>. Acesso em: 9 maio 2024.

ABREU, D. N. Psicopatologia e soluções identitárias: efeito das reconfigurações do imaginário na contemporaneidade. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 113-122, 2017. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_24/pdf/10-psicopatologia_e_solucoes_identitarias.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

BADARÓ, S. A. F.; CALZAVARA, M. G. P. O uso de robôs como mediadores na prática clínica psicanalítica com crianças autistas. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 26, n. 3, p.



566-583, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/181537>. Acesso em: 8 maio 2024.

BOSA, C.; CALLIAS, M. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 167-177, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/4b8ymvyGp8R4MykcVtD49Nq/>. Acesso em: 10 maio 2024.

CALAZANS, R.; MARTINS, C. R. Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 142-157, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v12i22p142-157>. Acesso em: 10 maio 2024.

CALZAVARA, M. G. P.; CALAZANS, R. A partir dos muros da universidade: implementação de uma clínica psicanalítica para crianças autistas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 42, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Yfs7H9n9zdsPTb3rQCBngZJ/>. Acesso em: 15 maio 2024.

CIACCIA, A. D. Inventar a psicanálise na instituição. *In*: RIBEIRO, V. A. **Pertinências da psicanálise aplicada**: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos pela Associação do Campo Freudiano. São Paulo: Forense Universitária, 2007. p. 69-75.

FERREIRA, T.; VORCARO, A. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas**: diálogo com múltiplas experiências. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. *In*: FREUD, S. **O caso de Schreber e artigos sobre técnica**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. p. 107-120. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. Originalmente publicado em 1912.

KANNER, L. *et al.* Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em: <http://www.th-hoffmann.eu/archiv/kanner/kanner.1943.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da escola. *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a. p. 248-264. Originalmente publicado em 1967.

LACAN, J. **Seminário, livro 10**: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b. (Seminário apresentado em 1962-1963).

MALEVAL, J. C. Por que a hipótese de uma estrutura autística. **Opção Lacaniana Online**, [s. l.], v. 6, n. 18, p. 1-40, 2015. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

MILLER, J.-A *et al.* **La pareja e el amor**: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 15-20.



MILLER, J.-A. C. S. T. *In*: IRMA. **Clínica lacaniana**: casos clínicos do campo lacaniano. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 9-15.